

Música e cores: a resposta por crianças de 5 e 6 anos à música e sua relação com as cores

Kamile Levek
Colégio Marista Paranaense
kamilesl@yahoo.com.br

Sumário:

A presente pesquisa procurou verificar a relação entre a música e as cores por crianças de 5 e 6 anos de idade. Quatro excertos musicais foram escolhidos para o estudo em timbre orquestral. Considerando o andamento e o modo das músicas, pôde-se observar que na música com andamento lento e modo maior, a cor vermelha foi a mais encontrada; com andamento rápido e o modo menor, encontrou-se cores claras; com andamento lento e o modo menor encontrou-se cores escuras; e com andamento rápido e modo menor, as crianças imaginaram mais as cores claras. Diferenças por gênero também foram encontradas.

Palavras-Chave: música, sinestesia, percepção.

Fundamentação Teórica

A idéia de relações entre a música e as cores é antiga, apesar de essas relações serem tratadas, na maioria das vezes, apenas como metáforas (Sacks, 2007). Segundo Newton, citado em Sacks (2007), as cores do espectro correspondiam, de alguma maneira, às sete notas da escala diatônica. Na segunda metade do séc. XIX, muitos artistas, escritores e inventores se convenceram que a “color-music” (relação da música com as cores) poderia ser a arte do futuro, e muitos artistas começaram a acreditar que a música poderia ser análoga à pintura (Zilcher, 1987). Mas a relação cores-música é muito mais complexa que um simples pensamento. A mistura de dois ou mais sentidos, chamada sinestesia (Baron-Cohen, 1996), atinge uma a cada duas mil pessoas, e é uma percepção imediata, não uma simples memória ou associação que possa ter sido aprendida (Pearce, 2006).

A sinestesia musical é a mais comum (Sacks, 2007). Há relatos de pessoas que possuem a habilidade involuntária de experimentar a música como cores bonitas e luminosas, ou seja, algumas pessoas são capazes de presenciar texturas visuais ao ouvir música (Jane. S, 2006). Alguns especialistas testaram um caso isolado de sinestesia musical, e a percepção de uma pessoa com relação às “cores musicais” não mudou com o passar dos anos (Sacks (2007), ou seja, este estudo fortalece a sugestão de que a sinestesia não pode ser aprendida. Segundo Maurer (citado em Baron-Cohen, 1996), todos os recém-nascidos possuem sinestesia, mas por volta dos 4 meses de idade os sentidos se modificam, e a criança passa a não ter mais essa faculdade. Seguindo essas possibilidades, a sinestesia pode ser uma variável de uma ação normal do cérebro (Pearce, 2006). Ainda fortalecendo essa idéia, Sacks (2007) demonstrou que um homem, ao sofrer um acidente e tornar-se daltônico, perdeu também as características sinestésicas que possuía. Mas cabe lembrar que o termo sinestesia é muito variado e pode ser utilizado para descrever diversos acontecimentos e comportamentos (Harrison, 2001), além de existir diversos tipos de sinestesia.

Mas será possível haver uma relação imaginativa, entre as cores e a música, comum às pessoas? Isso não se trata de sinestesia, pois sinestesia é uma atividade involuntária. Nesse caso, seria uma atividade voluntária, proveniente da imaginação das pessoas ao ouvir música. Sendo assim, vários fatores são capazes de influenciar essa imaginação “colorida”. Há a possibilidade de “cores musicais” serem assimiladas com alguma experiência já vivida. Uma criança pode ter relacionado teclas coloridas de um piano de brinquedo que costumava tocar com as notas que soavam, e esse “aprendizado” permanece, por exemplo. Outros fatores existentes na música ouvida podem ser relevantes para essa imaginação, como o timbre, o andamento e o modo. Segundo Wisnik (1989), as cores do modo maior e menor são, respectivamente, luminosas ou sombrias, alegres ou tristes. Talvez a “metáfora” existente na relação entre as cores e a música possa ser comum entre as pessoas, e provocada por elementos musicais.

Objetivo

Verificar a relação entre músicas orquestrais e cores pré-determinadas por crianças de 5 e 6 anos de idade.

Método

Amostra

Trinta e seis alunos (20 meninas, 16 meninos) do Colégio Marista Paranaense, situado na cidade de Curitiba (PR), na faixa etária de 5 e 6 anos de idade, participaram deste estudo. Todas as crianças frequentam aulas de música regulares, contidas na grade curricular. A participação no estudo foi completamente voluntária e autorizada pela direção da escola.

Procedimento

Todos os participantes foram testados em sala de aula na presença da professora de música. Cada criança recebeu uma folha de respostas (ver instrumento de coleta de dados) e lápis coloridos. As cores escolhidas foram as cores primárias, o preto e o branco. Logo após a entrega de materiais os participantes receberam instruções verbais sobre o modo de uso da folha de respostas. À criança, foi explicado que esta deveria ouvir o excerto musical, de olhos fechados, e pensar em uma cor que correspondesse ao excerto. Deveria então, pintar a bolinha com a cor correspondente, que estava em branco, ou deixá-la em branco se a cor branca tivesse sido a imaginada. O teste teve início assim que as crianças estavam atentas e em silêncio. Cada excerto musical foi tocado duas vezes, uma enquanto as crianças apenas ouviam, e outra enquanto pintavam a bolinha. As crianças dispunham de todo o tempo que julgassem necessário para imaginar a cor e pintar a bolinha.

Instrumento de coleta de dados

Um instrumento de coleta de dados foi especialmente elaborado para esta pesquisa, contendo uma bolinha em branco para cada excerto musical a ser ouvido (ver *figura 1*).

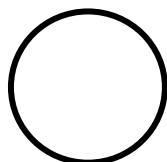


Figura 1: bolinha em branco

Estímulos musicais

Foram escolhidas quatro músicas em timbre orquestral, em diferentes modos (maior e menor) e andamentos (rápido e lento), com a finalidade de verificar a influência de elementos musicais nas respostas. Segundo o relato de alguns compositores e instrumentistas famosos, a sinestesia musical pode estar relacionada à tonalidade, timbres, dinâmicas e acordes (Pearce, 2006), e talvez a imaginação das cores ao ouvir determinadas músicas também possa estar.

As seguintes músicas foram escolhidas:

1. Quarteto do Imperador, de Haydn (andamento lento, modo maior)
2. Chegada da Rainha de Sabá, de *O Salomão* de Handel (andamento rápido, modo maior)
3. Aquário, de *O Carnaval dos Animais*, de Camile Saint-Saens (andamento lento, modo menor)
4. Marcha de Rakoczy, de Berlioz (andamento rápido, modo menor)

Resultados e discussão

Para uma das análises de dados, considerou-se o amarelo e o branco cores claras, o preto e o azul cores escuras, e o vermelho uma cor ambígua, pois não é claro nem escuro. De maneira geral, foram obtidas

mais respostas relacionadas às cores claras (40,9%), mas a diferença na quantidade de respostas entre cores claras e escuras (4,6%) não foi significativa.

Considerando o andamento e o modo das músicas, pôde-se observar que na música com andamento lento e modo maior foram obtidas mais respostas ambíguas, ou seja, a cor vermelha foi a mais imaginada (50%). Na música onde o andamento era rápido e o modo era maior, encontrou-se maior número de respostas para cores claras (47%). Para o andamento lento e modo menor, as respostas mais encontradas foram de cores escuras (55%). Ao ouvirem a música com andamento rápido e modo menor, as crianças imaginaram mais cores claras (53%).

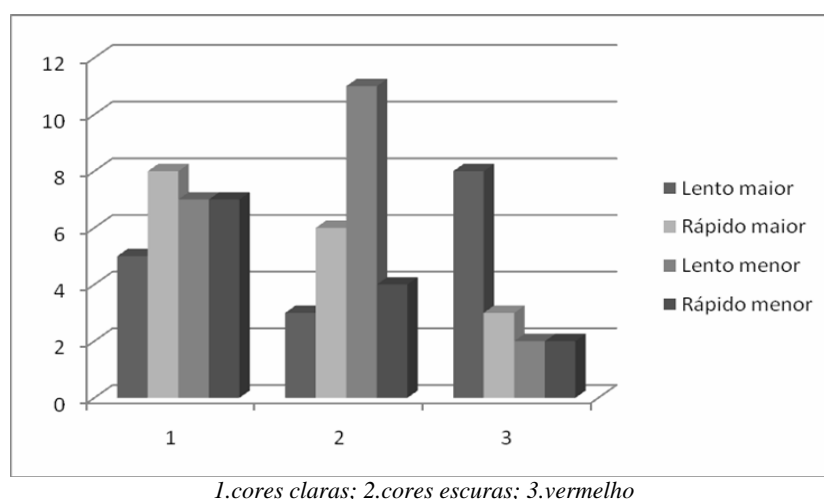


Figura 2: gráfico do total de respostas

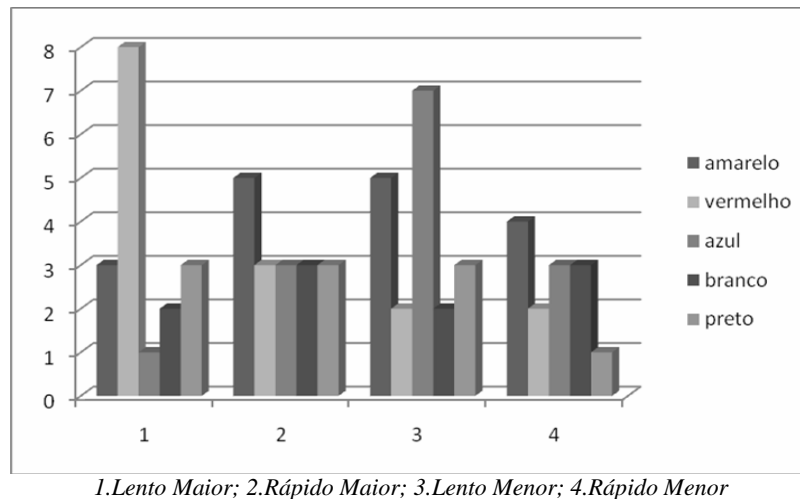
Esse resultado permite realizar uma comparação entre as convenções pré-estabelecidas pela psicologia da música, onde andamento rápido pode provocar uma resposta positiva no ouvinte, assim como o modo maior, e o andamento lento e o modo menor são capazes de provocar uma resposta negativa (ver Dalla Bella, S., Peretz, I., Rosseau, L., Gosselin, N., 2001). Se combinações forem feitas, é possível que o andamento rápido e o modo maior provoquem uma resposta positiva no ouvinte; andamento rápido e modo menor, uma resposta ambígua, já que um dos elementos provoca uma resposta positiva (andamento rápido) e o outro negativa (modo menor); andamento lento e modo maior, também uma resposta ambígua; e andamento lento e modo menor, resposta negativa. Se considerarmos cores claras como positivas, escuras como negativas e o vermelho como uma cor ambígua, a maioria dos resultados corresponderá à essas combinações, com exceção apenas da música com andamento rápido e modo menor, onde as respostas mais encontradas foram correspondentes às cores claras. Talvez o andamento exerça maior influência nesse caso.

Cabe lembrar que para a essa análise apenas as bolinhas pintadas de uma cor foram consideradas. Como as crianças estavam livres para pintar a bolinha de uma ou duas cores, algumas crianças misturaram cores, e outras dividiram a bolinha em duas partes, pintando metade de uma cor, e a outra metade de cor diferente. Algumas até pintaram a bolinha com mais de duas cores. Uma outra análise está sendo realizada, considerando também cores claras, escuras e ambíguas (ver *tabela 1*), mas com variedade de combinações.

Cores claras	Cores escuras	Cores ambíguas
Amarelo, branco, amarelo + vermelho	Azul, preto, vermelho + azul, preto + azul, preto + vermelho	Vermelho, azul + amarelo, amarelo + preto, preto + branco, 3 cores ou mais

Figura 3: tabela das combinações das cores

Quando uma breve análise por gênero foi realizada, verificou-se que as meninas apresentaram mais respostas em comum que os meninos. Isso é pertinente se considerarmos que a sinestesia é mais comum em mulheres (Pearce, 2006).



1.Lento Maior; 2.Rápido Maior; 3.Lento Menor; 4.Rápido Menor

Figura 4: gráfico das respostas das meninas

Portanto, é possível que a relação entre as cores e a música faça parte do cotidiano infantil, não de maneira tão complexa como a sinestesia, mas até mesmo como mais uma forma de expressão. Outras análises estão sendo realizadas com a finalidade de aperfeiçoar o presente estudo, mas muitas pesquisas relacionadas ao assunto ainda deverão ser realizadas, englobando diversas faixas etárias, para fins de futuras discussões e comparações com outros estudos realizados no Brasil e no exterior.

Referências Bibliográficas

- Baron-Cohen, S. (1996). Is There a Normal Phase of Synaesthesia in Development?. *Psyche*, 2, 27. Disponível em <http://psyche.cs.monash.edu.au/v2/psyche-2-27-baron_cohen.html>
- Dalla Bella, S., Peretz, I., Rosseau, L., Gosselin, N. (2001). A developmental study of the affective value of tempo and mode in music. *Cognition*, 80, B1-B10.
- Harrison, J. E. (2001). Synaesthesia: The Strangest Thing. Disponível em <books.google.com>
- Jane, S. (2006). Beautiful Fragments of a Traumatic Memory: Synaesthesia. *Revista Transcultural de Música*, 10. Disponível em <www.sibetrans.com/trans/trans10/silentjane.htm>
- Pearce, J.M.S. (2006). Synaesthesia. S.Karger AG, Basel. Disponível em <content.karger.com/ProdukteDB/produkte.asp?Aktion=ShowFulltext & ArtikelNr=98101&Ausgabe= 232759 & ProduktNr=223840>
- Sacks, O. (2007). *Alucinações Musicais: relatos sobre a música e o cérebro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Wisnik, J. M. (1989). *O Som e o Sentido, uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Zilcher, J. (1987). "Color Music": Synaesthesia and Nineteenth-Century Sources for Abstract Art. *Artibus et Historiae*, 8 (16), 101-126. Disponível em <www.jstor.org/pss/1483303>